



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Renata Pereira Rocha Garcia de Souza

O FENÔMENO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Belo Horizonte
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
Faculdade de Educação - FaE
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Renata Pereira Rocha Garcia de Souza

FENOMÊNO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Bernardo Micherif Carneiro.

Belo Horizonte
2015

Renata Pereira Rocha Garcia de Souza

FENÔMENO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Me. Bernardo Micherif Carneiro.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Bernardo Micherif Carneiro.

Prof.ª Dr.ª Maria José Gontijo Salum

Dedico este trabalho a minha filha Nicole que, com apenas um ano e meio de idade, foi uma gracinha, não demonstrando ansiedade ou angústia devido a minha ausência.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por estar sempre presente em minha vida.

Agradeço também a meus pais, que sempre me orientaram no caminho da retidão, e ao meu esposo Caio, pelo apoio nos momentos certos e incertos, pela compreensão da minha ausência em tantos momentos, e a minha filha Nicole, pela maneira como se comportou em momentos em que me queria por perto.

Agradeço ao meu orientador, professor Bernardo Micherif Carneiro, por ter acompanhado com tamanho afinco a elaboração e a finalização deste trabalho. Por todo esse tempo, agradeço-lhe, por sua paciência, respeito e empenho a mim dispensados.

Agradeço ainda à Coordenadora da área de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Minas Gerais, professora Maria de Fátima Cardoso Gomes.

Agradeço a todos os funcionários da secretaria do LASEB que sempre me atenderam com presteza e muita simpatia.

Agradeço também a todos os colegas de turma do LASEB 2014, que sempre foram solidários e que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço aos alunos da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo que se dispuseram a participar desta pesquisa e que muito contribuíram com suas respostas.

O que me assusta não é a violência de poucos, mas a omissão de muitos...

(Martin Luther King)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo detectar a presença ou não do fenômeno bullying, quantificá-lo, qualificá-lo e, a partir desses dados, desenvolver uma proposta de intervenção em turmas de sexto ano do segundo ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo.

Metodologia: A partir das repostas de um questionário aplicado na turma, buscou-se, à luz da literatura especializada sobre o tema, por um lado, conhecer a percepção dos alunos sobre esse comportamento e, por outro, identificar a presença e as características do fenômeno na escola. **Resultados:** 48 alunos (42,47%) sofreram agressões/bullying. Dentre as vítimas de agressões, 2 alunos (1,76%) relatam ter recebido Agressão física direta, 6 alunos (5,30%) relatam ter recebido Agressão Física indireta, 30 alunos (26,54%) relatam ter recebido agressão verbal ou ameaças, 6 alunos (5,30%) relatam ter recebido Exclusão social e 4 alunos (3,53%) sofreram outras formas de bullying não especificadas. **Conclusão:** Os dados levantados na pesquisa de campo mostraram que parte dos alunos se envolve na prática de agressões/bullying, seja como agressor (25 alunos), vítima (48 alunos) ou observador (92 alunos). Diante do predomínio absoluto de agressões verbais e do diminuto nº de agressões físicas (diretas ou indiretas), foi delineada uma proposta de intervenção. Realizou-se, também, o estudo bibliográfico a respeito do tema proposto.

Palavras-chave: Bullying, violência entre pares, cyberbullying, conflito entre estudantes, violência nas escolas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Objetivo geral	10
1.2	Objetivos específicos	11
2	DESENVOLVIMENTO	12
2.1	Revisão da literatura	22
2.1.1	Fontes	22
2.1.1	Análises e conclusões acerca da literatura supracitada	29
2.2	Metodologia	31
2.3	Discussão dos dados	33
2.4	Proposta de intervenção	44
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48
	APÊNDICES	52
	ANEXO	56

1 Introdução

O trabalho pretende discutir a relação de conflito denominada “bullying” entre alunos de 2º ciclo da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo (EMPMCC), situada na rua Dr. Júlio Otaviano Ferreira, n.1085, bairro Cidade Nova, na cidade de Belo Horizonte. A escola foi criada em 13 de março de 1971 e conta com 879 alunos nos dias de hoje. Escolhi o primeiro ciclo a princípio para fazer este estudo porque trabalho no turno da tarde e, nesse turno, só há crianças do 1º ciclo do Ensino Fundamental, com faixa etária dos 6 aos 8-9 anos incompletos, exceto casos de alunos repetentes. Entretanto, no mês de outubro, tive a oportunidade de substituir uma professora licenciada no turno da manhã que lecionava de Educação Física para o 2º ciclo, com a faixa etária dos 9 aos 12 anos.

Ao apresentar meu projeto à direção da escola, foi-me solicitado trabalhar sobre o bullying com o 6º ano, que apresenta muitos conflitos. Enviei aos pais dos alunos o Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial (APÊNDICE A). O trabalho de campo consistia até então em aplicar o Questionário sobre bullying (APÊNDICE B) e, em seguida, dar uma aula expositiva sobre o referido tema.

A escola possui 5 turmas de 6º ano, cada uma com 30 alunos, totalizando 150 alunos. Contudo, por duas semanas consecutivas, não houve oportunidade de aplicar o referido questionário em uma das turmas de 6º ano, pois coincidiu que, em uma semana, houve reunião de professores para discutir o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola no dia da aula, uma segunda-feira, e os educandos tiveram oficina. Na segunda semana, que antecedia o recesso, houve “cinema” para esses alunos, onde eles assistiram a um filme no horário que seria a minha aula e, na outra semana, seria o recesso escolar, que ocorreu entre os dias 13 a 17 de outubro de 2014. Nesse período, fiz a tabulação dos dados e a análise dos resultados referentes às quatro turmas em que o questionário foi aplicado. Diante disso, não apliquei o questionário nem

dei a aula expositiva para o 1º ciclo e sim para o 2º ciclo, nas quatro turmas de 6º ano em que eu tive oportunidade de dar aulas na semana que eu me propus a trabalhar com o tema bullying.

Escolhi esse tema porque a prática do bullying é cada vez mais presente nas escolas, prejudicando acadêmica e emocionalmente crianças e adolescentes em todas as classes sociais. Ademais, o aumento do número de casos vem ganhando presença marcante nos noticiários, inclusive com divulgação de vídeos de espancamentos filmados por celulares de alunos, muitas vezes são exibidos no site Youtube e em outras redes sociais.

Mesmo com pouco tempo como docente, cerca de seis anos na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), lecionei em várias escolas, como professora efetiva e também fazendo extensão de jornada, além de já ter atuado com Educação Infantil em rede pública e privada, e também durante o período de estágio na minha graduação. Pude perceber o fenômeno bullying, em todas as escolas por onde exerci a profissão de docente, estagiária ou educadora infantil. Seja de forma velada ou explícita, com ou sem “plateia”, o bullying existe, está ganhando força e tem atingido pessoas em todo o mundo nas últimas décadas. Contudo pude perceber também, que este fenômeno pode não se apresentar com tanta intensidade conforme sugerem os autores pesquisados.

O conflito permeia as relações humanas e como a escola é feita de gente, é mais do que natural que tenhamos conflitos. Então algumas confusões no dia a dia acabam fazendo parte mesmo da escola.

Conflitos e bullying acontecem no ambiente escolar quase todos os dias, mas há uma tênue diferença entre o fenômeno bullying e o conflito escolar. A saber:

Conflito: O conflito em algumas escolas da sociologia é enxergado como o desequilíbrio de forças do sistema social que deveria estar em repouso, isto é, equilibrado, quanto à forças que o compõe. Segundo esta teoria, não se

enxerga mais o grupo como uma relação harmônica entre órgãos, não suscetíveis de interferência externa. Wikipédia.

O conflito surge quando há a necessidade de escolha entre situações que podem ser consideradas incompatíveis. Wikipédia.

Bullying: *Bullying* (AFI: ['bʊljɪŋ]) é um anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Wikipédia.

Podemos perceber que no conflito não há necessariamente atos de violência física ou psicológica ou mesmo que seja um ato intencional dentro de uma relação desigual de poder como é no bullying.

1.1 Objetivo geral

Verificar a relevância do fenômeno bullying na escola EMPMMC como base para propor uma intervenção. Segundo Vinha (2013), os conflitos são compreendidos como naturais em qualquer relação e necessários ao desenvolvimento da criança e do jovem.

São vistos como oportunidades para que os valores e as regras sejam trabalhados e o desenvolvimento da autorregulação seja favorecido, oferecendo pistas sobre o que precisam aprender. Por conseguinte, minha intervenção não enfatiza a resolução do conflito em si, o produto, mas sim o processo, ou seja, a forma com que os problemas serão enfrentados e o que eles poderão aprender com o ocorrido. (VINHA, 2013, p. 71).

Como nos lembra Vinha (2013), para Piaget (1932; [1994]), por meio do conflito social, a criança é motivada por esse desequilíbrio a refletir sobre maneiras distintas de restabelecer a reciprocidade, o que promove a necessidade de considerar pontos de vistas diferentes, a argumentar a descentrar, a cooperar, a operar levando em conta sentimentos, perspectivas e ideias de outra pessoa. A resolução de um conflito é considerada cooperativa quando, durante o

processo de resolução, os envolvidos operam considerando os sentimentos, pontos de vista e ideias do outro; e uma resolução considerada como positiva, sugere um equilíbrio entre a capacidade de persuasão do outro e a satisfação de si mesmo.

1.2 Objetivos específicos

- Detectar a presença ou não do fenômeno bullying na amostra estudada;
- Analisar, de acordo com a literatura especializada, os tipos de bullying que ocorrem na escola e suas frequências, como premissa para a proposta do projeto de intervenção;
- Avaliar as consequências decorrentes do bullying causadas nos alunos;
- Fazer um levantamento junto aos professores do primeiro turno da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, dos principais problemas de relacionamento, violência e discriminação que os alunos vivenciam na escola;
- Elaborar uma proposta de intervenção.

2 Desenvolvimento

A escola, vista como uma instituição de ensino, deve sempre zelar e estar comprometida com a aprendizagem e o bem-estar da criança. Todavia, esse ambiente que deveria ser agradável e sadio tem sido palco de atitudes frequentes, que envolvem atos de violência entre os alunos, ficando evidente, dessa forma, a conduta bullying. Segundo afirmativa de Leão (2010):

“O bullying caracteriza-se por ser um problema mundial detectado em todas as escolas, sejam elas privadas ou públicas, e vem se expandindo nos últimos anos. A conduta bullying nas instituições de ensino tem sido um sério problema, pois gera um aumento significativo da propagação da violência entre os alunos. “(LEÃO, 2010, p.119)

Etimologicamente, o termo bullying é a substantivação do verbo inglês *bully* e foi cunhado pelo psicólogo sueco Dan Olweus, na década de 1970, para abranger uma gama de outros termos referindo-se a violências entre pares utilizados em vários países do mundo, com o intuito de facilitar a sua classificação, seu reconhecimento, diagnóstico e intervenção.

A prática desse tipo de violência é vista pelos autores dedicados a esse assunto como “Fenômeno bullying”. Tal fenômeno apresenta-se de forma velada, intencional e repetitiva, dentro de uma relação desigual de poder, por um longo período de tempo contra uma mesma pessoa, sem motivos evidentes, adotando comportamentos cruéis, humilhantes e intimidadores, gerando consequências irreparáveis, sejam elas físicas, psíquicas, emocionais ou comportamentais. Ou nas palavras de Cléo Fante:

Para Cléo Fante, o bullying é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. O bullying compreende todas as atitudes agressivas, intenciosas e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando

angústia e dor, sendo executado dentro de uma relação desigual de poder. (FANTE, 2005, p.27).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) enfatiza no conceito do bullying as relações de poder que estão em jogo. As atitudes agressivas, intencionais, deliberadas, continuadas e conscientes que visam a causar dor, sofrimento, perseguição e exclusão são adotadas por um indivíduo ou um grupo, na sua maioria composto de pessoas com força física, mais idade e alto poder de persuasão, contra outros indivíduos ou grupos mais “fracos”. Da Silva (2006), por seu turno, ressalta o caráter temporal do bullying, afirmando que ele tem continuidade no tempo e não acontece de forma esporádica: as vítimas estão marcadas, visadas e vigiadas pelos agressores, os quais, quando agredem, sabem exatamente o que estão fazendo e como farão. No dizer de Pereira (2002):

é a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o “bullying” de outras situações ou comportamentos agressivos, sendo três os fatores fundamentais que normalmente o identificam: 1) o mal causado a outrem não resultou de uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações. 2) as intimidações e a vitimização de outros têm caráter regular, não acontecendo apenas ocasionalmente. 3) geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio. (PEREIRA, 2002, p.18)

Em pesquisa realizada com escolares no início dos anos 2000, Fante (2003) expõe que aproximadamente 63% dos alunos do ensino médio relataram ter sofrido intimidações pelo menos uma vez, e 25% afirmaram ter sofrido bullying, caracterizado pela repetição de maus-tratos por parte, principalmente, de colegas da escola. A autora ainda relata que 66% dos estudantes entrevistados declararam já ter agredido algum colega, pelo menos uma vez, inclusive com agressão relacionada ao sexo, como contar piadas pornográficas ou coerção

sexual. Entretanto, se o bullying é praticado por uma parcela tão considerável dos estudantes, não estariam em jogo, em grande parte dos fatos, uma agressividade inerente ao desenvolvimento da criança e do adolescente? E não um fenômeno para ser criminalizado e patologizado? Alguns dos clássicos que estudam o desenvolvimento da criança e do adolescente, apontam a agressividade como um fator característico destes momentos da vida. Nesse sentido, a consideração da singularidade das crianças e a necessidade de auxiliá-las nos diversos aspectos de seu desenvolvimento são questões cruciais na oferta de uma educação de qualidade. A concepção de agressividade trazida por Winnicott se alia aos pressupostos teóricos e estudos empíricos de retomados psicólogos do desenvolvimento, como Piaget (1967), Vigotsky (1984, 1987) e Wallon (1971, 1975, 1989), que ressaltam o papel ativo da criança no processo de desenvolvimento e a importância das interações sociais nesse processo. Além disso, Winnicott explicita uma imagem da criança e da infância menos idealizada, identificando as crianças normais como aquelas que manipulam, testam, desobedecem e reconhecendo que a tarefa educativa é algo difícil e árduo para os pais. Essas idéias têm sido resgatadas pelas discussões trazidas pela Sociologia da infância (SIROTA, 2001; MONTANDON, 2001, 2005) que identificam as crianças como cidadãos e atores sociais, produtores de cultura e de modos próprios de organização, e que questionam o entendimento da infância como algo padronizado e uniforme, ressaltando a singularidade e os percursos múltiplos que essa fase de vida pode abarcar. Essas ideias presentes na discussão proposta por Winnicott quando apresenta sua concepção de agressividade podem auxiliar bastante na formulação de projetos políticos pedagógicos realmente diferenciados para a Educação infantil que consigam de fato atender a dupla função de cuidar e educar.

O bullying é muito comum no ambiente escolar e em ambientes de trabalho também, por serem locais onde vítima e agressor se encontram diariamente, por um período longo, no caso de escola, pelo menos 1 ano, dá-se, então, a característica necessária para ser considerado bullying — um ato repetitivo.

Entretanto, segundo Garcia (2013), o autor de bullying é alguém que também precisa de ajuda, tanto quanto o seu alvo.

Normalmente, o autor de bullying possui “um poder” sobre seu alvo, o que caracteriza sua capacidade de intimidá-lo perante o agressor. Esse diferencial de poder caracteriza-se pela diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e pelo apoio recebido de outros colegas durante o acontecimento. “O comportamento agressivo é essencial para o surgimento do autor, mas seu comportamento será incentivado se seus atos representarem ganhos sociais, materiais ou pessoais”. (LOPES NETO, 2011, p. 28).

As diversas ações que podem ser entendidas como bullying são: apelidar, sacanear, aterrorizar, ignorar, dar um gelo, ameaçar, empurrar, oprimir, ofender, humilhar, amedrontar, ser indiferente, fazer sofrer, agredir, derrubar, quebrar pertences, zoar, intimidar, tyrannizar, excluir, perseguir, bater, ferir, violentar, debochar, dominar, discriminar, ridicularizar, injuriar, constranger, roubar, gozar, isolar, subjugar, assediar, chutar, vexar e furtar. Desde que executados de forma repetida. Estas ações citadas acima englobam todos os bullyings existentes, a saber: bullying verbal, moral, psicológico, sexual, material, físico e virtual. (LOPES NETO, 2011, p. 21).

Ainda de acordo com Lopes Neto (2011), os alvos de bullying podem apresentar os seguintes sintomas:

- Dores de cabeça;
- Dores abdominais;
- Dificuldades para dormir;
- Urinar na cama;
- Depressão;
- Ansiedade;
- Recusar ir à escola;
- Queda de motivação e do desempenho escolar;
- Autoagressão;
- Pensamentos suicidas tentativas de suicídio;
- Perdas de bens materiais;
- Solicitação de dinheiro;

- Fome ao sair da escola;
- Ferimentos ou marcas no corpo;
- Roupas sujas ou rasgadas;
- Materiais escolares rasgados ou quebrados, e algumas vezes, até furtados;
- Agressões a terceiros;
- Absenteísmo escolar.

Entre crianças e adolescentes, conforme a faixa etária em que se encontram, a prática do bullying é causada pela necessidade que o sujeito tem de se impor sobre o outro, tanto para demonstração de poder quanto para satisfação pessoal, o que são características inerentes ao desenvolvimento da criança e do adolescente, portanto um fator ineliminável. Percebe-se que há uma necessidade de se auto afirmarem a todo instante, perante si mesmos e em relação aos outros e, para que isso ocorra, normalmente, o agressor se impõe sobre a vítima, considerada a parte mais frágil da relação e por ter a certeza de que ela não irá apresentar meios de defesa para reverter a situação.

As consequências provocadas pelo bullying geram, por vezes, danos e traumas irreparáveis na vida da criança, podendo refletir desde cedo, como por exemplo, baixa autoestima, estresse, depressão, queda no rendimento escolar, pensamentos de vingança para com o agressor e até mesmo suicídio, como relata Lopes Neto (2011). O referido autor explica que:

As crianças vítimas de bullying podem ter problemas relacionados à escola, como faltas frequentes ou abandono. Sentem-se sob risco e infelizes na maioria dos dias, afirmam não pertencer à escola. Alguns estudos referem associação entre sofrer bullying com o maior consumo de drogas. (LOPES NETO, 2011 p.46)

Stephenson e Smith (1994 apud BEANE, 2011, p. 54), descobriram uma variedade de fatores no ambiente escolar que podem contribuir para o bullying.

A seguir alguns deles:

- Alta rotatividade de professores;
- Padrões de comportamento indefinidos;
- Métodos de disciplina incoerentes;
- Organização ruim (nas salas de aula, nos pátios e assim por diante);
- Supervisão inadequada (em pátios, corredores, banheiros, cantinas);
- Crianças não são tratadas como indivíduo de valor;
- Não há equipamento suficiente (quadras de educação física, pátios, salas de aula, laboratórios);
- Falta de apoio para novos alunos;
- Professores que se atrasam;
- Intolerância a diferenças;
- Professores apontando e gritando;
- Inexistência de política antibullying;
- Corredores estreitos e escuros;
- Vestiários apertados;
- Funcionários que humilham alunos na frente de colegas;
- Agressões ignoradas por funcionários da escola;
- Funcionários que fazem uso do sarcasmo.

Com o advento da Internet, o cyberbullying¹ se tornou um problema de proporção ainda maior, já que pode chegar ao alcance de um número muito maior de pessoas devido ao compartilhamento entre “amigos” internautas.

Na internet e no celular, mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente e tornam o bullying ainda mais perverso. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder de agressão se amplia e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola. E o que é pior: muitas vezes, ela não sabe de quem se defender. (SANTOMARO, 2010, p. 67).

¹ “Cyberbullying é uma prática que envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação para dar apoio a comportamentos deliberados, repetidos e hostis praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar o outro. Como tem se tornado mais comum na sociedade, especialmente entre os jovens. Atualmente legislações e campanhas de sensibilização têm surgido para combatê-lo.” (CYBERBULLYNG..., 2014).

Em depoimento à *Revista Nova Escola* (SATOMORO, 2010, p.37), Raissa, 13 anos, disse que colegas de classe criaram uma comunidade no Orkut² em que compararam fotos suas com a de mulheres feias. Tudo por causa do seu corte de cabelo. Contou: “Eu me senti horrorosa e rezei para que meu cabelo crescesse depressa”.

Luciene Tognetta (2012), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), explica que, por volta dos 11 ou 12 anos, a criança passa a buscar, no convívio social, referências diferentes daquelas que sempre recebeu em casa, dando continuidade ao processo de construção de sua identidade. Essa é a época de aprender a lidar com a própria imagem. SANTOMARO, 2010, p.69).

Conforme a Psicologia Moral, Tognetta (2013) nos lembra Wallon, que dizia que o outro é nosso eterno parceiro psicológico. Isto é, nossa identidade é formada sempre na presença do outro.

Este é nosso espelho. É aquele com quem testamos o que gostamos e o que não gostamos, é aquele que reage às nossas ações e, portanto, nos retroalimenta para continuarmos a agir de determinada forma. O fato é que o par não tem o peso da autoridade a quem temos um tipo de relação diferenciada e que por certo, pode e vai também refletir o que somos, mas não tão diretamente como a força dos pares o faz. (TOGNETTA, 2013, p. 50).

Para que possamos compreender a agressividade infantil e adolescente precisaríamos distinguir a agressividade que é inerente a determinada faixa etária ou sexo e a agressividade que ultrapassou os limites, ou seja, que está fora dos padrões esperados para cada indivíduo. Nas palavras de Soares, 2013.

Algumas crianças são muito agressivas. Essa agressividade pode ser percebida muitas vezes por um simples olhar. Durante as atividades escolares as

² “O Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.” (ORKUT..., 2014).

crianças se agridem com palavras, gestos e empurrões. Algumas parecem que estão sempre preparadas para agredir, como se isto fosse um mecanismo de defesa. Existem algumas crianças com dificuldades de relacionamento entre elas próprias, entre elas e os professores e até entre elas e seus familiares, por isso são classificadas como não sociáveis, e isso gera problemas de discriminação. (Soares, 2013).

Para Winnicott, a agressividade está presente em todas as pessoas, mas se manifesta de forma diferente na vida de cada uma delas. Na concepção de, Winnicott:

a agressividade não deveria ser tomada como algo a ser eliminado do comportamento das crianças, mas ser pensada como uma tendência que precisa ser manifestada, e, quando controlada, deveria ser devidamente valorizada, pois, antes de conseguir agir de modo construtivo, precisamos lutar contra nosso desejo de destruição. Em outras palavras, quando a criança consegue agir do modo esperado pela educadora significa que conseguiu controlar seus desejos pessoais destrutivos. Assim, se a educadora tiver consciência de que por trás de qualquer comportamento está essa luta permanente, pode valorizar melhor os comportamentos criativos e construtivos da criança. (WINNICOT,1994)

Entretanto, se não fizermos distinção entre agressividade inerente a idade e a agressividade ligada ao fenômeno bullying por imbricadas estarem, corremos o risco de classificar qualquer agressão como bullying. Nas palavras de Carneiro, 2015:

“Contudo, se não há uma diferenciação entre a agressividade inerente ao desenvolvimento infantil e adolescente e a agressividade que poderia ser diagnosticada como bullying,

qualquer tipo de atitude agressiva repetitiva da criança poderia ser colocada no rol do fenômeno bullying". (Carneiro,2015).³

Um aspecto a considerar sobre o bullying é, além do agressor (ou agressores) e a vítima (o alvo), existem os espectadores (observadores e testemunhas). Estas podem ser subdivididas em apoiantes passivos do agressor, apoiantes ativos do agressor, defensores passivos do alvo, defensores ativos do alvo e os espectadores indiferentes.

Como nos lembra Fante (2005), até as testemunhas sofrem ao conviver diariamente com o problema, mas tendem a omitir os fatos por medo ou insegurança. Geralmente, elas não denunciam e se acostumam com a prática. Uma das causas mais evidentes de bullying é o preconceito. Pessoas preconceituosas fazem julgamento sobre outras, tomando por base medos e crenças infundadas. Algumas vezes a criança vê atitudes preconceituosas dos próprios pais e repetem o comportamento com outras crianças.

Segundo Lopes Neto,

As diversas ações que podem ser entendidas como bullying são: apelidar, sacanear, aterrorizar, ignorar, dar um gelo, ameaçar, empurrar, oprimir, ofender, humilhar, amedrontar, ser indiferente, fazer sofrer, agredir, derrubar, quebrar pertences, zoar, intimidar, tiranizar, excluir, perseguir, bater, ferir, violentar, debochar, dominar, discriminar, ridicularizar, injuriar, constranger, roubar, gozar, isolar, subjugar, assediar, chutar, vexar e furtar. Desde que executados de forma repetida. Estas ações citadas acima englobam todos os bullyings existentes, a saber: bullying verbal, moral, psicológico, sexual, material, físico e virtual. (LOPES NETO, 2011, p. 21).

Conforme Silva (2010), cada ser humano é único, cada um possui uma biologia própria com suas habilidades e dificuldades. E em função disto, cada um de nós adota um comportamento diferente diante de situações de stress constante, pressão e angústia, como no caso de bullying.

³ Carneiro, Bernardo Micherif (Citação Verbal). Apontamentos de reuniões de orientação. UFMG. 2015

Algumas vítimas buscam ajuda em profissionais da área de saúde mental, visando adquirir habilidades específicas no trato com o outro.

Essas habilidades incluem uma postura mais assertiva diante das provocações, na resolução de conflitos, bem como a melhoria da autoestima e a autossuperação dos medos perante o estabelecimento de novas relações interpessoais. (SILVA, 2010, p.75)

Há também aqueles que reagem de forma resiliente. Em termos de comportamento humano, a resiliência pode ser entendida “como a capacidade que um indivíduo possui de transmutar sofrimento, dor, mágoa ou raiva em aprendizado” (SILVA, 2010, p.76).

Há também aqueles indivíduos que carregam consigo os traumas do bullying que sofreram na infância ou na adolescência para a vida adulta. Tornam-se pessoas ansiosas, inseguras, depressivas ou agressivas. Essas pessoas tendem a reproduzir esses comportamentos, gerados pela violência que sofreram no ambiente escolar, em seus relacionamentos amorosos, profissionais e com seus familiares.

É importante lembrar que em uma parcela de crianças e jovens também pode desenvolver transtornos psiquiátricos sérios, tais como:

Pânico, bulimia, compulsão, fobias, psicoses, anorexia, ansiedade generalizada entre outros, mas que o bullying, nesses casos, se constitui em um fator desencadeante efetivo para que todos esses transtornos venham a tona nas pessoas que já possuíam uma personalidade com predisposição genética para essas patologias. (SILVA, 2010, p.76).

Em seu livro *Bullying: eu sobrevivi*, Ramirez (2011) nos traz suas lembranças da época em que foi vítima do bullying na escola e faz várias reflexões sobre como superou os traumas, ajudando muitos jovens vitimizados a encontrar esperança e seguir em frente.

Em seus relatos sobre as várias chacinas ao redor do mundo, Ramirez (2011) retrata as feridas que o bullying marca no ser humano. O autor relata:

“O bullying mata a alma e a bala mata o corpo; o bullying é uma cicatriz de casca fina, que deve ser constantemente limpada para não purgar; o bullying sangra por dentro, de modo que ninguém vê, a não ser quem o carrega.” (RAMIREZ, 2011, p.40).

Cortella (1954 apud PEDRO-SILVA, 2013, p. 92) nos diz que “o jovem é muito aprendente por exemplo. Ele é exemplar na sua forma de aprendizado. Se há um descuido com ele, ele se descuida também. Se há um exemplo negativo, ele absorve aquilo como referência”.

Por isso, se quisermos educar os jovens, temos de nos educar, ou seja, avaliar nossas ações e não reproduzir um comportamento negativo. Se falamos ou agimos de maneira agressiva e punimos aqueles que reproduzem nosso comportamento, isso não trará aplicabilidade no aprendizado dos nossos jovens, nem tão pouco irá construir valores morais de que tanto precisam.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Fontes

- 1- NUNES, Taiana da Silva. *O professor e o bullying escolar: significados e estratégias de ação*. 2011. Mestrado Acadêmico em Psicologia — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2011.

Objetivo: O objetivo geral deste trabalho é identificar e descrever os significados de bullying escolar e estratégias de ação adotadas por professores do ensino fundamental diante de situações de bullying nas escolas, a partir das premissas da psicologia histórico-cultural, segundo Vigotski. **Metodologia:** Participaram deste estudo cinco professoras de duas escolas municipais da cidade de Santo Amaro, na Bahia. Para fins de coleta dos dados, o instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada que tinha por base um roteiro, composto por 14 questões, previamente elaborado de modo a contemplar os

objetivos do trabalho. Os dados obtidos foram organizados e analisados a partir da análise de conteúdo, como proposto por Bardin. **Resultados:** A forma direta de bullying foi apontada por todas as professoras como a mais frequente nas escolas, desde apelidos e xingamentos até murros e pontapés. Os alunos que se envolvem em práticas de bullying são sempre os mesmos, o que segundo as docentes, facilitaria a identificação da violência. Já as vítimas nem sempre são as mesmas. As professoras afirmaram que os alunos que sofrem a violência nunca revelam o ocorrido ou o fazem apenas “às vezes” e o motivo para isso seria o medo de continuar sendo alvos desse tipo de prática.

- 2- PINGOELLO, Ivone. *Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula*. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, São Paulo 2011. (Área de conhecimento: Sociais e Humanidades)

Objetivo: descrever o comportamento do aluno vítima do *bullying* e verificar qual o comportamento que o identifica com o intuito de colaborar na atuação dos professores na identificação de vítimas em sala de aula. **Material e Métodos:** observação em sala de aula para identificação dos alunos vítimas com registros em um protocolo de frequência de comportamentos característicos de bullying; teste sociométrico com o objetivo de verificar a posição ocupada pelas vítimas nas relações interpessoais e questionários para os orientadores e professores da série pesquisada para verificar a percepção que os mesmos têm a respeito do fenômeno. **Resultados:** Nas observações, os registros da frequência de comportamentos categorizados como típicos de bullying apontaram para dois alunos como sendo alvo do fenômeno em sala de aula. As respostas aos questionários revelaram que os orientadores e os professores têm uma boa percepção dos conflitos e exclusões existentes em sala de aula, porém, não relacionam esses problemas com o bullying e não possuem uma orientação adequada em como atuar diante de tal problema.

- 3- SILVA, Felipe Ribeiro. *Bullying, vitimização e agressividade juvenil: um estudo de caso*. 2011. 106f. Mestrado Acadêmico em Sociologia e

Antropologia — Universidade Federal do Pará. Belém. 2013.
<http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacoes/dissertacaoTurma2009-FelipeSilva.pdf>

Objetivo: avaliar a visão dos jovens quanto à atenção familiar deles e se sofrem com violência doméstica. **Metodologia:** Foram levantados também os atos de violência praticados e sofridos, se levam armas ou não para a escola, além da percepção dos jovens quanto aos seus bairros residentes e suas possíveis reações em situações de conflito ou violência. **Resultados:** É possível notar nos resultados do estudo que o bullying (apesar de ter casos reduzidos), pois está presente em praticamente todas as séries, e a agressividade dos jovens se manifesta de variadas formas encontradas.

- 4- GONÇALVES, Catarina Carneiro. *Concepção de professores sobre bullying na escola: estudo de caso*. 2011. 132 f. Mestrado Acadêmico em Educação — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2014.

Objetivo: Conhecer os julgamentos morais de docentes de uma escola particular da região metropolitana do Recife sobre bullying escolar. **Metodologia:** Fizeram parte dessa pesquisa uma amostragem constituída por 17 educadores atuantes na Educação Básica de uma escola particular em Pernambuco, escolhidos a partir da disponibilização voluntária. Os dados foram analisados qualitativamente, a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin, levando em consideração os pressupostos teóricos da Psicologia Moral e dos Estudos Culturais da Educação. **Resultados:** Os resultados de pesquisa apontam para o fato de que há, por parte dos educadores, uma crença de que o problema seja de responsabilidade exclusiva das famílias, o que os leva a uma dificuldade em compreender formas de superação dessa violência ligadas às práticas de instalação de um ambiente cooperativo em sala de aula. Além disso, em caso de alvos-provocadores de bullying, constatamos que há uma responsabilização do sujeito que é vitimizado na escola, de modo que os professores se isentam da responsabilidade de atuar no enfrentamento do problema, à medida que culpam o próprio alvo por seu processo de vitimação.

Tal forma de pensar, bastante heterônoma, ajuda a difundir a crença de que a violência pode ser justificada.

- 5- ESCOREL, Soraya Soares da Nobrega. *O adolescente e os cenários do Bullying: a encenação da violência como resposta*. 2011. 145f. Mestrado Acadêmico em Sociologia — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2011.

Objetivo: Compreender o fenômeno bullying a partir da análise de um caso ocorrido no ano de 2007 em uma escola privada da cidade de João Pessoa-Paraíba. Entende o bullying como uma forma de violência simbólica que se relaciona com fatores internos e externos à escola. **Metodologia:** Foram realizadas entrevistas com diversos atores envolvidos, como pais e diretores de escolas e, principalmente, com o adolescente, vítima de bullying, além de serem consultados documentos relativos ao evento. **Resultados:** A pesquisa demonstrou que o processo investigado relacionou-se com questões de gênero, envolvendo modelos dominantes de masculinidade e processos de estigmatização e de exclusão. Evidenciou também que as vítimas de bullying não são necessariamente passivas. O estudante construiu um personagem ameaçador, veiculado através da internet e de outras formas de comunicação, revelando familiaridade com as novas tecnologias e conhecimento dos casos de bullying perpassado pela mídia. Ele construiu imagens e situações envolvendo ameaças contra a escola, contra si próprio e simulou situações de sequestro.

- 6- ARAÚJO, Luciene da Costa. *As representações sociais dos estudantes acerca do bullying: um estudo sobre os diferentes tipos de envolvimento no contexto escolar*. 2011. Mestrado Acadêmico em Psicologia (Psicologia Social) — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2011.

Objetivo: Apreender as representações sociais dos estudantes acerca do bullying, a partir dos seguintes tipos de envolvimento: agressor, vítima, vítima-agressora e não envolvido. **Metodologia:** Pesquisa de campo, de cunho qualitativo e quantitativo, desenvolvida em instituições escolares do ensino

fundamental da rede pública, na cidade de João Pessoa na Paraíba. Esse estudo foi realizado em dois momentos: No primeiro, foi utilizada uma amostra constituída por 346 estudantes do sexo feminino e masculino, com faixa etária variando entre 10 e 17anos ($M= 13,5$; $dp= 1,65$), com a amostra do tipo não probabilística, acidental. Na coleta de dados, utilizou-se a técnica de associação livre de palavras; um questionário de dados sociodemográficos e Experiências escolares; e a Escala de Agressão e Vitimização entre Pares (EVAP); No segundo momento, foi realizada a aplicação do SCAN-Bullying com uma subamostra de 32 estudantes. Na análise dos dados sociodemográficos e na EVAP, foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais (qui-quadrado). Mediante a análise da EVAP, constatou-se que 39% dos estudantes não estavam envolvidos com o bullying, 27% foram identificados como agressores, 23% comportavam-se como vítimas-agressoras e 11% foram identificados como vítimas. Os dados obtidos através do teste de Associação Livre de Palavras foram processados pelo software Tri-Deux-Mots, revelando que o bullying foi representado de forma semelhante à sua definição teórica, categorizado como agressões diretas (socos e chutes), indiretas (através de ameaças) e como agressões verbais (xingamentos, apelidos), sendo também associado ao racismo e ao preconceito. Para a efetuação da análise do SCAN-Bullying foi utilizado o software ALCESTE **Resultados:** observou-se que os estudantes identificados como vítimas representaram o bullying a partir de suas experiências de vitimização, destacando como o apoio era percebido diante dessas situações. Os agressores atribuíram sentimentos positivos ao papel de agressor, associados à ideia de poder e popularidade, justificando a vitimização a partir das características pessoais da vítima ou em função dos estereótipos sócio-culturais. As vítimas-agressoras representaram o bullying como agressões físicas diretas e indiretas, manifestando comportamentos de revidar a agressão sofrida.

- 7- FRICK, Loriane Trombini. *As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um estudo dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas*. 2011. 197f. Mestrado Acadêmico em Educação — Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, São Paulo. 2011.

Objetivo: Estabeleceu como objetivo principal analisar as relações entre os estilos de resolução de conflitos adotados pelos professores e os modos de agir dos alunos, perante conflitos entre pares, e a possível incidência de bullying, entre eles. **Metodologia:** Caracterizou-se por uma abordagem quantitativa e qualitativa, aproximando-se de um estudo de caso. Os participantes da pesquisa foram duas professoras e suas respectivas classes, dos anos iniciais de Ensino Fundamental, em escolas da rede pública numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Os alunos implicados na investigação tinham entre oito e dez anos. Para coleta dos dados realizou observações e, através destas, preencheu uma ficha para caracterização dos ambientes sócio-morais. Aplicou dois questionários aos alunos: um com situações hipotéticas de conflitos, para identificar e categorizar os estilos de resolução de conflitos dos alunos e sua percepção sobre como os professores resolvem conflitos e como deveriam resolver; outro sobre bullying, com questões fechadas e abertas, para identificar envolvidos no bullying e a visão dos alunos sobre o fenômeno. **Resultados:** Os dados obtidos indicam que, no ambiente A (coercitivo), a professora resolvia conflitos de forma autoritária. Os estilos de resolução de conflitos dos alunos foram, predominantemente, agressivos e submissos. Nesse ambiente, os alunos se identificaram mais como possíveis alvos e autores de bullying. No ambiente B (cooperativo), a professora usava mais o diálogo para resolver conflitos. Os estilos de resolução de conflitos apresentados pelos alunos, nas observações, aproximaram-se mais do assertivo; já nos questionários, foram predominantemente submissos e alguns assertivos. Nesse ambiente, os alunos não se identificaram como possíveis alvos e autores de bullying. A partir da análise dos resultados, pode-se concluir que as relações interpessoais estabelecidas na escola, especificamente em sala de aula, proporcionadas e fomentadas pelos professores, influenciam, fortemente, na formação do ambiente sociomoral e no modo como os conflitos são resolvidos pelos alunos. Esses estilos de resolução de conflitos, por sua vez, interferem nas relações interpessoais, como um ciclo. Conclui-se, também, que a qualidade das relações

interpessoais presentes no ambiente escolar pode incidir sobre a prática e a perpetuação do bullying.

- 8- LAND, Bruna Roberta. *Bullying, estilos parentais e sócio-cognições*. 2011. 42 f. Mestrado Acadêmico em Psicologia — Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rio Grande do Sul. 2011.

Objetivo: Estudar e investigar o processo de bullying, sócio-cognições e estilos parentais de 221 crianças de 09 a 14 anos, regularmente matriculadas em duas escolas públicas da cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

Metodologia: Os participantes responderam a uma escala sobre sua percepção acerca dos estilos parentais e outra que investigava atribuições causais (sócio-cognições) associadas aos relacionamentos interpessoais no contexto escolar. Também tiveram de eleger colegas que julgassem agressivos, agressores no bullying, pró-sociais, vitimizados (bullying) e isoladas ativamente com base em uma escala com afirmações acerca de condutas típicas destes grupos. A partir desses dados, levantaram-se as frequências com que as crianças foram referidas pelos seus colegas e a amostra foi dividida em quatro grupos de crianças (Agressores, Socialização, Isolado e Vitimização). **Resultados:** Crianças agressivas são percebidas como sociáveis, porém também podem tornar-se vítimas do bullying. Ser vítima aumenta o isolamento social e reforça assim os papéis do bullying. Testes T de Student calculados mostram que a agressividade foi maior entre as meninas do que entre os meninos, indo de encontro à literatura existente. Foram detectadas correlações positivas entre sócio-cognições e estilos parentais. Este dado demonstra que os pais participam ativamente da formação das crenças e cognições de seus filhos, positiva ou negativamente.

2.1.1 Análises e conclusões acerca da literatura supracitada

1- O trabalho de Nunes (2011) foi um trabalho selecionado para análise por conter o ponto de vista de um profissional da área da Psicologia, tive a intenção de comparar diferentes visões e abordagens do fenômeno bullying.

2- O trabalho de Pingoello (2009) traz uma conclusão reveladora:

As respostas aos questionários revelaram que os orientadores e os professores têm uma boa percepção dos conflitos e exclusões existentes em sala de aula, porém não relacionam estes problemas com o *bullying* e não possuem uma orientação adequada em como atuar diante de tal problema” (PINGOELLO, 2009, p. 8)

Esses dados, assim como os meus, revelam que é possível haver conflitos e exclusões entre alunos sem que esses fatos sejam necessariamente configurados como fenômeno bullying.

3- O trabalho de Silva (2011) tenta estabelecer e talvez conectar bullying e atos de violência à projeções de contextos socioeconômicos e culturais e ao final chega à seguinte conclusão: o bullying (apesar de ter casos reduzidos) está presente em praticamente todas as séries e a agressividade dos jovens se manifesta de variadas formas encontradas. Assim como na escola estudada por mim, o autor também encontrou nº de casos reduzidos, apesar de ter sido pesquisado “os atos de violência praticados e sofridos, se levam armas ou não para a escola, além da percepção dos jovens quanto aos seus bairros residentes e suas possíveis reações em situações de conflito ou violência”. Então é possível encontrar poucos casos de bullying mesmo em condições de inserção dos alunos em áreas consideradas violentas.

4- Os trabalhos de Gonçalves (2011) e em menor intensidade o de Land (2011), opõem-se ao trabalho de Frick (2011), pois chegam a conclusões diametralmente opostas, alimentando a celeuma: Quem é responsável pela violência dos alunos e pelo crescente número de casos de bullying? Enquanto o de Gonçalves (amostragem constituída por 17 educadores atuantes na

Educação Básica de uma escola particular em Pernambuco) chega à conclusão de que:

[...] há, por parte dos educadores, uma crença de que o problema seja de responsabilidade exclusiva das famílias, o que os leva a uma dificuldade em compreender formas de superação dessa violência ligadas às práticas de instalação de um ambiente cooperativo em sala de aula. Além disso, em caso de alvos-provocadores de bullying, constatamos que há uma responsabilização do sujeito que é vitimizado na escola, de modo que os professores se isentam da responsabilidade de atuar no enfrentamento do problema, à medida que culpam o próprio alvo por seu processo de vitimação. (GONÇALVES, 2011, p. 9).

Land (p. 3, 2011) conclui que: “os pais participam ativamente da formação das crenças e cognições de seus filhos, positivamente ou negativamente”, Frick, com base na observação de duas professoras com condutas diferentes — ambiente A (coercitivo), a professora resolvia conflitos de forma autoritária e ambiente B (cooperativo), a professora usava mais o diálogo para resolver conflitos — chega à conclusão:

A partir da análise dos resultados, pode-se concluir que as relações interpessoais que estabelecidas na escola, especificamente em sala de aula, proporcionadas e fomentadas pelos professores, influenciam, fortemente, na formação do ambiente sociomoral e no modo como os conflitos são resolvidos pelos alunos. Esses estilos de resolução de conflitos, por sua vez, interferem nas relações interpessoais, como um ciclo. (FRICK, 2011, p.8).

5- O trabalho de Escorel (2011) tenta compreender toda a complexidade do fenômeno bullying através da análise de “um caso” e chegou às seguintes conclusões:

A pesquisa demonstrou que o processo investigado relacionou-se com questões de gênero, envolvendo modelos dominantes de masculinidade e processos de estigmatização e exclusão. Evidenciou também que as vítimas de bullying não são necessariamente passivas. O estudante construiu um personagem ameaçador, veiculado através da internet e de outras formas de comunicação, revelando familiaridade com as novas tecnologias e conhecimento dos casos de bullying perpassado pela mídia. Ele construiu imagens e situações envolvendo ameaças contra a escola e contra si próprio e simulou situações de sequestro. (SCOREL, 2011, s/p.).

Quanto ao fato das vítimas serem passivas ou ativas/replicantes é uma outra questão que aparece durante a análise e a discussão dos dados (subseção 2.3), então, refere-se ao seguinte: Quanto ao número de agressões verbais, 29

alunos (25,66%) declaram que já foram vítimas delas e 12 alunos (10,61%) afirmaram que vitimaram outros colegas. Agredir um colega verbalmente gera normalmente réplica e tréplica. Se não houver agressão física depois disso ou ameaça de agressão física, o assunto para nesse ponto. Nesse sentido, o trabalho de Araújo (2011) acrescenta em suas conclusões: As vítimas-agressoras representaram o bullying como agressões físicas diretas e indiretas, manifestando comportamentos de revidar a agressão sofrida. Note que essa afirmação mostra uma diferença de enfoque em relação a uma das características mais citadas da caracterização do bullying que é exatamente o desequilíbrio de forças evocando a impossibilidade de revidar pela diferença de força física ou poder ou mesmo popularidade entre vítima e agressor:

“ os agressores são mais fortes (fisicamente), ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio. (PEREIRA, 2002, p.18)

2.2 Metodologia

Antes da proposta de intervenção propriamente dita e para saber se ela se justifica ou não nesse universo estudado, foi preciso inicialmente, conhecer e levantar os dados pertinentes a ele. Antes, enviei o Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial (APÊNDICE A) aos pais. Como método de pesquisa para identificar a presença ou não do fenômeno bullying, bem como a quantificação e a qualificação do mesmo, foi aplicado O questionário sobre bullying para os alunos (APÊNDICE B) e realizada entrevista com os docentes (APÊNDICE C). Para que não houvesse influência/sugestão no preenchimento do questionário, optei por fazer uma preleção a respeito do tema com exposição de imagens e desenhos sobre bullying, com o intuito de esclarecer para os alunos o que o bullying causa na vida da vítima, seus males, como identificar e combater o preconceito, a violência e a covardia entre alunos, somente após a entrega do mesmo preenchido. Entretanto, fazer a palestra depois da entrega dos questionários

se mostrou uma “faca de dois gumes”. Por um lado, não influenciou as repostas dos alunos. Por outro, fez com que fossem considerados como bullying fatos isolados que configuram agressões e conflitos escolares e não bullying. Ainda, segundo Fante (2005) a maioria dos casos de bullying ocorre dentro dos muros das escolas e faz a seguinte ressalva:

Contudo, para que uma conduta seja caracterizada como bullying, é imprescindível distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves. Em vista disso, as características mais comuns determinadas para os atos de bullying entre os alunos são: Comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos. (FANTE, 2005, p. 49)

De acordo com Silva (2010), dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de maus-tratos; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bulies costumam ser mesclados de várias modalidades. Essa mesclagem de diferentes formas de agressão aparece nitidamente na minha pesquisa de campo.

Após a análise do questionário e a transcrição das entrevistas dos professores, fiz a tabulação dos dados e a análise dos resultados. Elaborei os gráficos quando esses foram elucidativos, para comparar quantitativamente quantos alunos sofrem ou já sofreram com o bullying, quantos são ou já foram os agressores e quantos já presenciaram bullying. Levantei dados a respeito dos tipos de bullying mais comuns nesta escola (agressões verbais, exclusão social, ameaças, agressões físicas indiretas).

2.3 Discussão dos dados

Resultado do questionário aplicado em 4 turmas de 6º ano. Mês de outubro, ano 2014. Cada turma tem 30 alunos, contudo, nos dias da aplicação do questionário, 7 alunos faltaram. Portanto, apenas 113 alunos responderam ao questionário.

Foram obtidos os seguintes resultados:

2.3.1 Ocorrência de bullying/agressões/intimidações por parte das vítimas:

Alunos que sofreram Agressões/ bullying.

- Sofreram agressão verbal= 29;
- Sofreram exclusão social= 6;
- Sofreram agressão verbal, agressão física indireta e exclusão social= 6;
- Sofreram agressão física direta= 2;
- Sofreram Agressão verbal, agressão física direta, agressão física indireta e exclusão social= 2; (Dentro do 6)
- Sofreram Agressão física direta, agressão verbal e exclusão social= 4; (Dentro do 6)
- Sofreram Agressão verbal e agressão física direta= 4(Dentro do 6)
- Sofreram Ameaças e exclusão social= 1;
- Sofreram Agressão verbal e agressão física indireta= 4; (Dentro do 6)
- Sofreram Agressão verbal e ameaças= 1; (Dentro do 6)
- Sofreram Outras formas de bullying (não especificaram qual)= 4;

- Sofreram bullying por parte de meninos= 19;
- Sofreram bullying por parte de meninas= 6;
- Sofreram bullying por parte de meninos e meninas= 40.

Nota-se na EMPMMC a predominância de bullies do sexo masculino o que acompanha o relato da maioria dos autores sobre o tema, exceto LAND,2011 que afirma a predominância feminina na amostra por ela estudada.

Chave de Interpretação do Diagrama de Venn nº1. Vítimas.

Como existe interpolação nos resultados (Por exemplo: mesmo aluno respondeu que recebeu Agressão Física Indireta e Agressão Verbal e Exclusão), optei por analisa-los utilizando o Diagrama de Venn, única maneira de não contar várias vezes a mesma agressão, tornando os resultados falsamente amplificados o que me levaria a conclusões opostas às que eu cheguei. De acordo com meu posicionamento em relação ao que considerar como agressão física direta e indireta explicitado na discussão dos dados, agrupei as agressões relatadas pelas vítimas da seguinte maneira:

Conjunto A (Agressão Física Direta + Agressão Física indireta).

Conjunto B (Agressão Verbal + Ameaças).

Conjunto C (Exclusão) .

Conjunto D (Agressões não especificadas)

A obtenção dos totais pertencentes a cada conjunto deve ser feita somando-se os algarismos de cor preta dentro deles. Por exemplo: Conjunto A = Receberam agressão física direta= 2 (Preto)+ agressão física indireta= 6; (Preto);Total = 8. Lembrando que os algarismos de cor vermelha foram acrescentados apenas para facilitar a leitura já que estão contidos na intercessão de $A \cap B \cap C$. Por exemplo: Sofreram agressão verbal e agressão física indireta ($B \cap A$)= 4 Vermelho; Está inserido/contido naqueles que sofreram Agressão Verbal, Agressão Física Indireta e Exclusão Social $B \cap A \cap C=6$ (Preto); ou seja: $B \cap A \subset B \cap A \cap C$. Ou $B \cap A \cap C \supset B \cap A$.

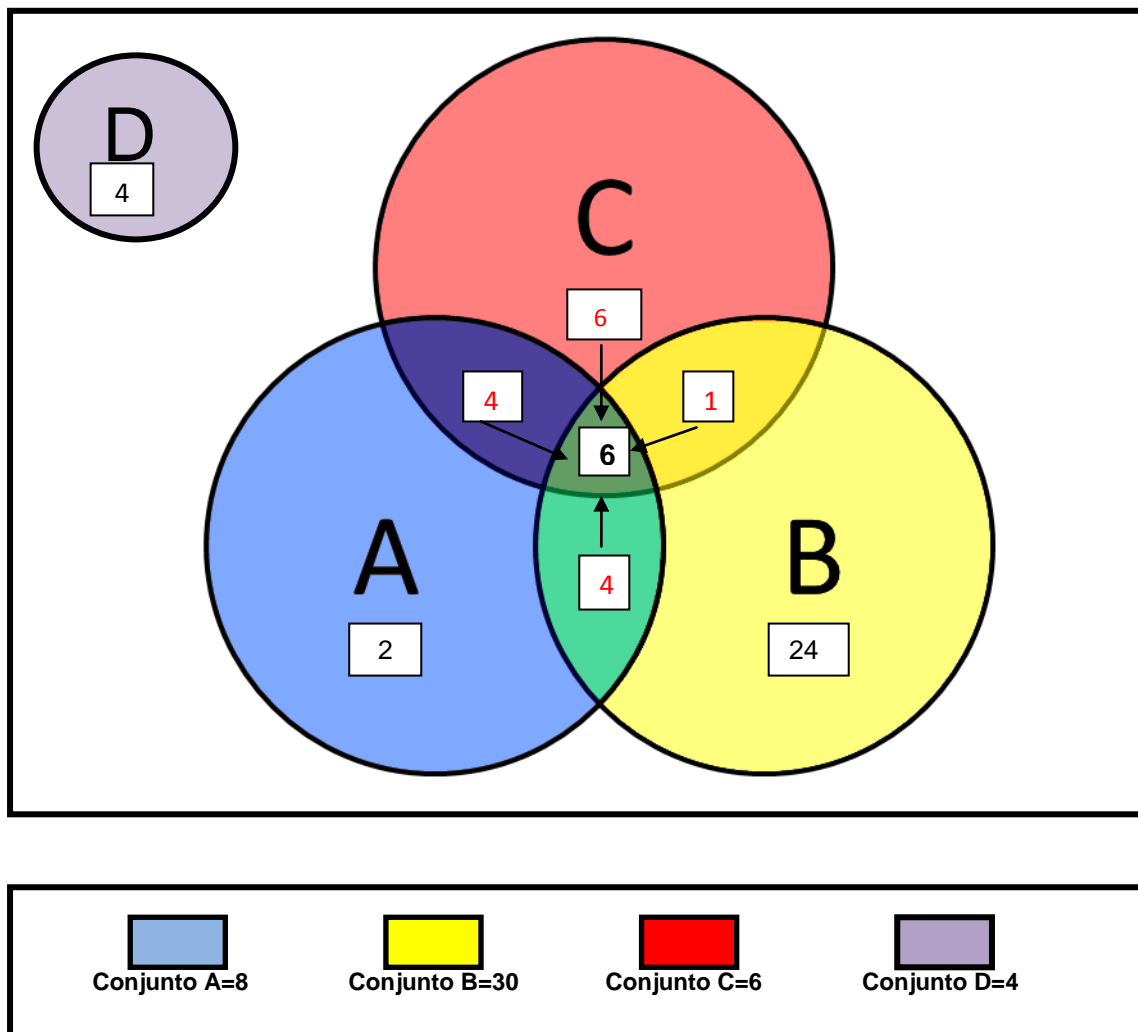


Gráfico 1: (Diagrama de Venn) Caracterização e quantificação de Agressões/Bullying nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC, na visão das vítimas.

Fonte: Dados da pesquisa.

A=Receberam Agressão Física Direta= 2+ Agressão Física Indireta=6; Total= 8

B= Receberam Agressão Verbal=29 + Ameaças=1; Total = 30.

C= Receberam Exclusão Social = 6

D=Receberam Outras Formas de Agressão não especificadas= 4

$B \cap A$ = Receberam Agressão Verbal e Agressão Física Direta= 4;

$B \cap C$ = Receberam Ameaças e Exclusão social= 1;

$A \cap C$ = Agressão Física Direta, Agressão Física Indireta e Exclusão Social= 4

$B \cap A \cap C$ =Agressão Verbal, Agressão Física Direta+ Agressão Física Indireta e Exclusão Social= 6

D= Outras formas de bullying (não especificaram qual)= 4

2.3.2 Ocorrência de bullying/agressões/intimidações por parte dos agressores:

Alunos que já praticaram agressões/bullying.

*Agressão verbal e exclusão social= 2;

*Agressão física direta= 6;

*Agressão física indireta= 2;

*Agressão verbal e agressão física direta= 2;

*Exclusão social= 4;

*Agressão verbal= 12;

*Agressão verbal, agressão física direta e exclusão social= 2;

*Agressão verbal e ameaças= 1.

Chave de Interpretação do Diagrama de Venn nº2. Agressores.

Como existe interpolação nos resultados (Por exemplo: mesmo aluno respondeu que praticou agressão verbal e agressão física direta e exclusão) optei por analisa-los utilizando o Diagrama de Venn, evitando contar várias vezes a mesma agressão praticada, tornando os resultados falsamente amplificados. De acordo com meu posicionamento em relação ao que considerar como agressão física direta e indireta explicitado na discussão dos dados, agrupei as agressões relatadas pelos agressores da seguinte maneira:

Conjunto A (Agressão Física Direta + Agressão Física Indireta).

Conjunto B (Agressão Verbal + Ameaças).

Conjunto C (Exclusão Social) .

A obtenção dos totais pertencentes a cada conjunto deve ser feita somando-se os algarismos de cor preta dentro deles. Por exemplo: Conjunto A = Praticaram Agressão Física Direta= 2(Preto) + Agressão Física Indireta= 6(Preto); Total = 8. Lembrando que os algarismos de cor vermelha foram acrescentados apenas para facilitar a leitura já que estão contidos na intercessão de $B \cap A \cap C$. Por exemplo: Praticaram Agressão Verbal e Agressão Física Indireta ($B \cap A$)= 2(Vermelho); Está inserido/contido naqueles que praticaram Agressão Verbal, Agressão Física Indireta e Exclusão Social $B \cap A \cap C=2$ (Preto); Ou seja: $B \cap A \subset B \cap A \cap C$. Ou $B \cap A \cap C \supset B \cap A$.

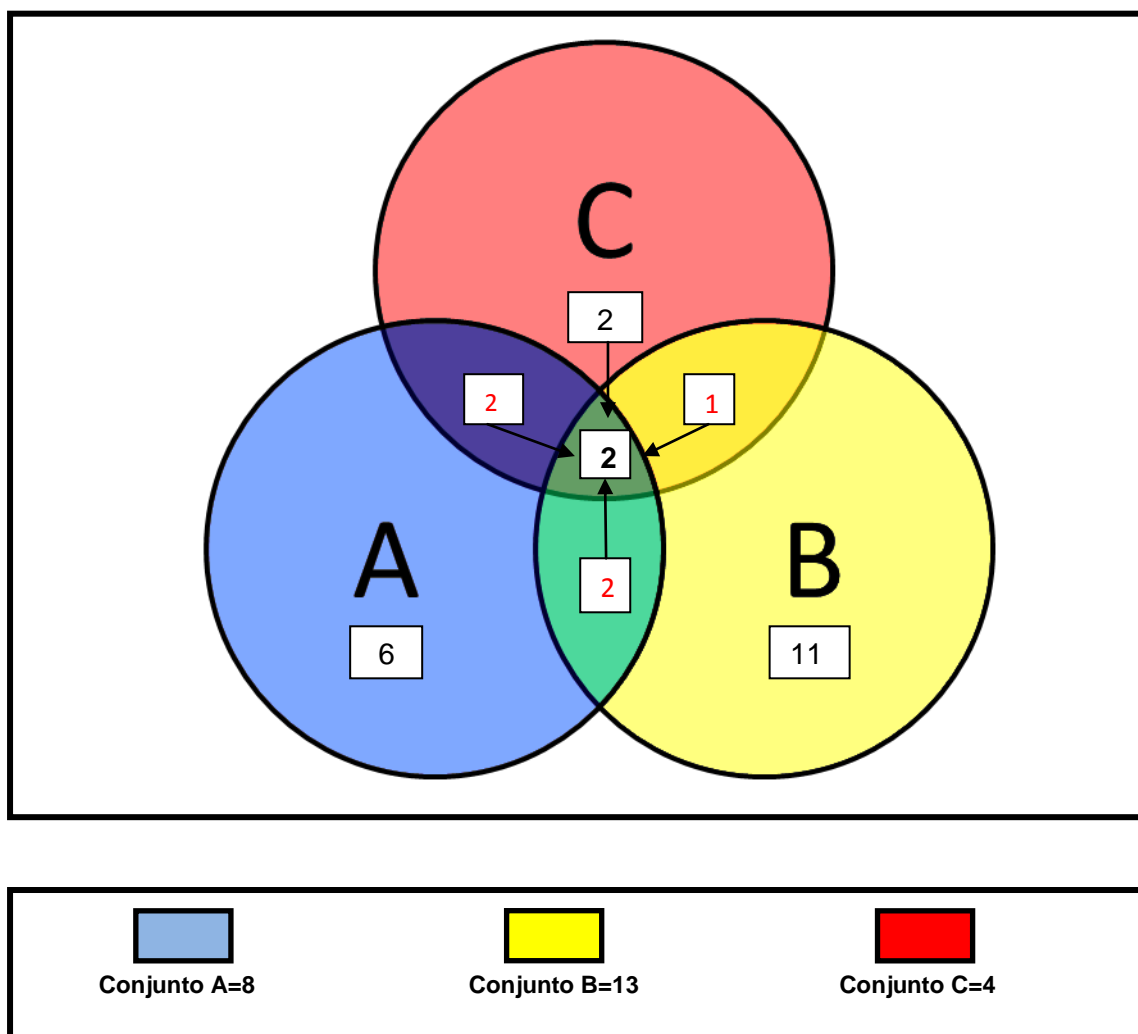


Gráfico 2: (Diagrama de Venn) Caracterização e quantificação de Agressões/Bullying nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC, na visão dos Agressores.
Fonte: Dados da pesquisa.

A= Praticaram Agressão Física Direta=6(Preto) + Agressão Física Indireta=2(Preto); Total= 8

B= Praticaram Agressão Verbal=12(Preto) + Ameaças=1(Preto) Total= 13.

C= Praticaram Exclusão Social = 4 (2(Preto)+2(Preto))

$B \cap A$ = Praticaram Agressão Verbal e Agressão Física Direta= 2; (Dentro do 2)

$B \cap C$ = Praticaram Ameaças e Exclusão Social= 1; (Dentro do 2)

$A \cap C$ =Praticaram Agressão Física Direta, Agressão Física Indireta e Exclusão Social= 2 (Dentro do 2)

$B \cap A \cap C$ = Agressão Verbal, Agressão Física Direta e Exclusão Social= 2

2.3.3 Personagens

As observações e discussões sobre o comportamento de alunos e professores, realizadas por Nogueira (2007), resultaram na identificação de três tipos de atores envolvidos no bullying: o espectador, a vítima e o agressor.

“O primeiro é aquele que presencia as situações de violência e não interfere, ou porque tem medo de também ser atingido, ou porque sente prazer com o sofrimento da vítima. Segundo Silva (2006), o medo de reagir, aliado à dúvida sobre o que fazer, cria um clima de silêncio, no qual tudo parece estar bem. É comum o espectador desconsiderar o problema, valendo-se de justificativas e explicações como, por exemplo, as de que o agressor não teve a intenção de magoar ou que a vítima está exagerando. Ademais, quando o agressor continua impune, o espectador pode acreditar que a violência é um caminho rápido e eficaz para alcançar a popularidade, tornando-se ele também um bully” (Ballone, 2005; Fante, 2005; Middleton-Moz, Zawadski, 2007; Nogueira,2007).

Caracterização e quantificação de personagens envolvidas com Agressões/Bullying nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC.

*Alunos Agressores= 25; 2(AFD) + 6(AFI) + 13(AV+A) + 4(E)

*Alunos Vítimas de Agressões/Bullying= 48; 2(AFD) + 6(AFI) + 6(E) + 29(AV) + 1(A) + 4(Outros)

*Observadores = 92 (Total de alunos=113 - Alunos que nunca testemunharam Agressões/ bullying= 21; (113-21=92)

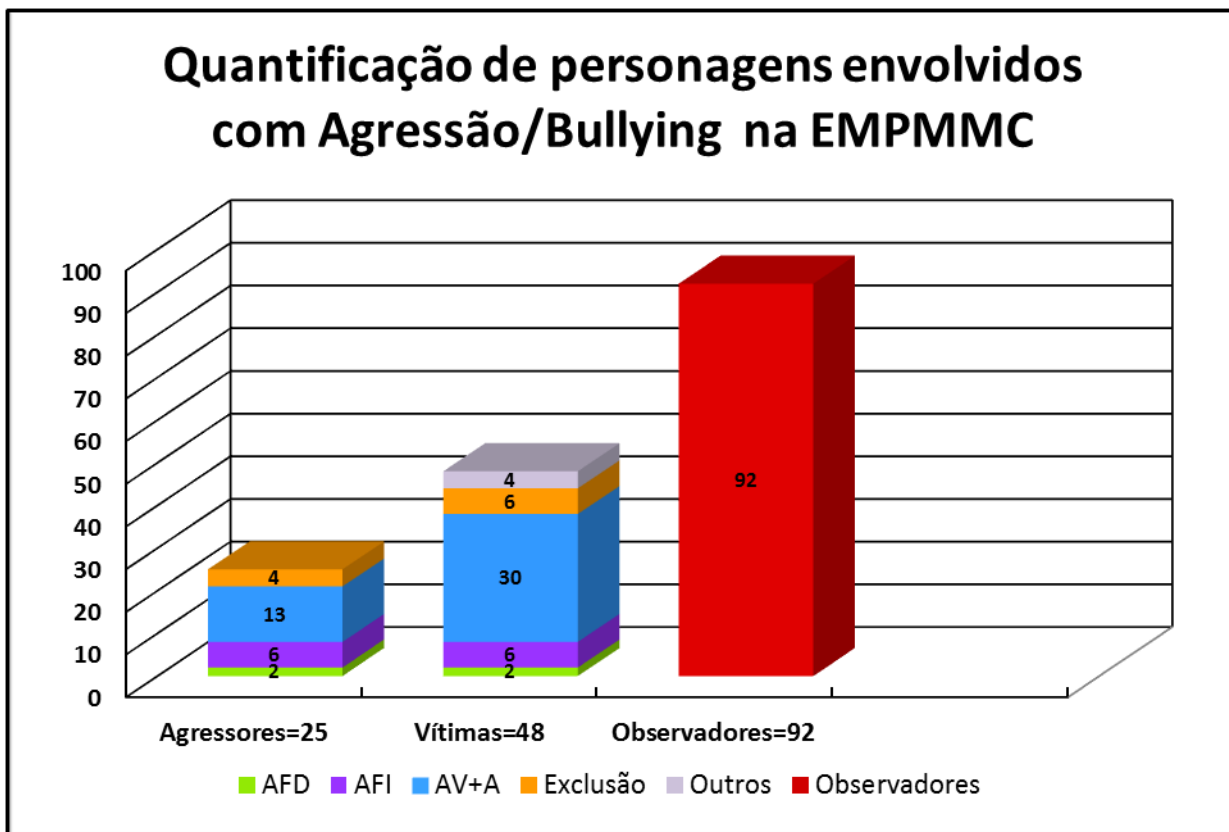


Gráfico 3: Caracterização e quantificação de personagens envolvidas com Agressões/Bullying nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC.
Fonte: Dados da pesquisa.

*AFD=Agressão Física Direta; AFI=Agressão Física Indireta; AV+A=Agressão Verbal + Ameaças; E=Exclusão Social.

O gráfico 3 mostra de maneira inequívoca, o predomínio do número de Agressões Verbais + Ameaças(13 e 30) em relação ao número de Agressões Físicas Diretas(2 e 2) ou Indiretas(6 e 6), tanto entre Agressores quanto entre as Vítimas nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC.

Em termos percentuais, em relação ao total de alunos estudados=113;(100%) temos os seguintes dados:

-Alunos Agressores= 25 (22,12%); 1,76%(AFD) + 5,30%(AFI) + 11,50%(AV+A) + 3,53%(E)

-Alunos Vítimas de Agressões/Bullying= 48(42,47%); 1,76%(AFD) + 5,30%(AFI) + 26,54%(AV +A) + 5,30%(E) + 3,53%(Outras Agressões)

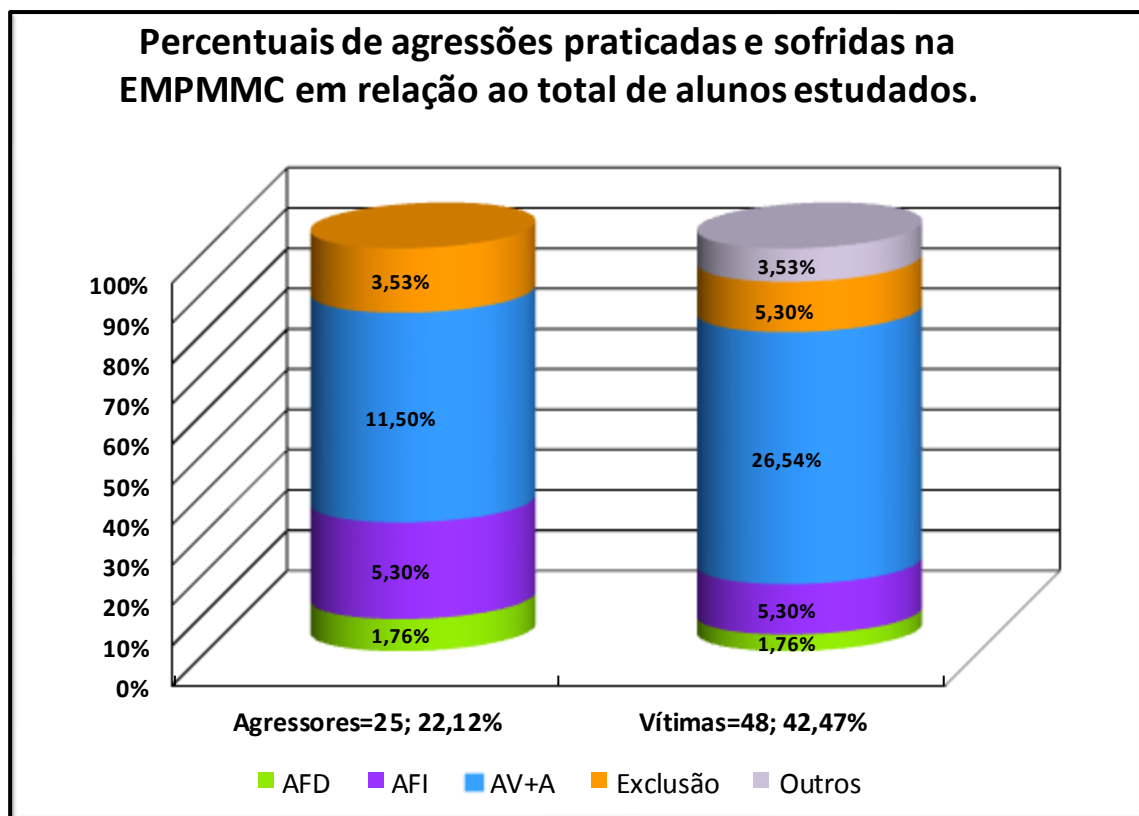


Gráfico 4: Comparativo entre percentuais de agressões praticadas(25;22,12%) e sofridas(48;42,47%) nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC em relação ao Total de alunos(113;100%).

Fonte: Dados da pesquisa.

*AFD=Agressão Física Direta; AFI=Agressão Física Indireta; AV+A=Agressão Verbal + Ameaças; E=Exclusão Social.

Quando comparamos em termos percentuais, é ainda mais notória a prevalência de Agressões Verbais + Ameaças(11,50% e 26,54%) em relação a outras agressões, tanto entre agressores, quanto entre vítimas. Também fica nítida a irrelevância, em relação ao todo(113 alunos;100%), das Agressões Físicas Diretas(1,76% e 1,76%) e Indiretas(5,30% e 5,30%), seja entre agressores, seja entre vítimas, nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC.

Durante a análise dos dados, observei que vários alunos disseram que nunca sofreram qualquer tipo de bullying e nas outras respostas, os mesmos alunos alegaram que já apanharam de colegas ou já sofreram agressões verbais, receberam apelidos pejorativos ou exclusão social sem indicar contudo a frequência das agressões. (Pergunta 6 do questionário.)

Após a aplicação do questionário para os alunos, realizei entrevista com as professoras dessas quatro turmas. Todas disseram: “Nesta escola, nunca houve casos muito graves em que houvesse necessidade de encaminhar para o Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional (CIA). De modo geral, encaminham-se esses alunos para a coordenação ou direção. Quando se faz necessário, solicitam a presença dos pais”.

As professoras das quatro turmas entrevistadas relataram: “agressões verbais, exclusão social, ameaças e agressões físicas indiretas são rotineiras em sala de aula. Agressões físicas já não acontecem todos os dias”. Entretanto, faz –se mister observar a palavras do meu orientador:

“As agressões mencionadas como rotineiras sempre foram rotineiras na convivência entre crianças e adolescentes em qualquer contexto e época, mesmo havendo uma cronificação do fato em alguns cenários mais do que em outros. Trata-se de manifestações que sempre foram comuns neste momento da vida. Patologizá-las é recusar a história e os autores que nos precedem. Ao contrário, perguntar-se por que elas são mais recorrentes em determinados contextos ou situações do que em outros é uma questão relevante”. (CARNEIRO, 2015) ⁴

⁴ Carneiro, Bernardo Micherif (Citação Verbal). Apontamentos de reuniões de orientação. UFMG. 2015

A partir dessas observações seguem a análise e as conclusões:

2.3.4 Se existe unanimidade entre todos os pesquisadores e estudiosos do fenômeno bullying, com relação ao fato de haver duas expressões do bullying, a saber: direta e indireta, o mesmo não acontece em relação à caracterização daquilo que é bullying direto e o que é bullying indireto. Chalita (2008), (apud LEÃO, 2010 p. 119-135) e outros pesquisadores afirmam que bullying direto é o conjunto de ações que acontece na presença da vítima e ao fazê-lo engloba agressões físicas e agressões verbais.

O *bullying*, de acordo com Gabriel Chalita, pode ser dividido de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre agressores meninos. E as atitudes mais usadas pelos *bullies* são os insultos, xingamentos, apelidos ofensivos por um período prolongado, comentários racistas, agressões físicas – empurrões, tapas, chutes – roubo, extorsão de dinheiro, estragar objetos dos colegas e obrigar a realização de atividades servis.

A indireta, por sua vez, é mais comum entre o sexo feminino, tendo como características, atitudes que levam a vítima ao isolamento social, podendo acarretar maiores prejuízos, visto que pode gerar traumas irreversíveis ao agredido. O bullying indireto compreende atitudes de difamações, realização de fofocas e boatos cruéis, intrigas, rumores degradantes sobre a vítima e seus familiares e atitudes de indiferença. (CHALITA, 2008, p. 82.)

Pereira (2009) e outros pesquisadores, entre os quais eu me incluo, afirma que bullying direto é igual a agressão física + tomar, danificar ou esconder objetos pessoais ou tomar o dinheiro do lanche, e bullying indireto compreende agressão verbal, ameaças e exclusão social . Conforme descreve Pereira(2009)

As agressões diretas incluem o tomar pertences, bater, chutar, empurrar, ferir com objetos, rasgar materiais escolares e uniformes ou mesmo tomar o dinheiro destinado para o lanche. Na forma indireta, podemos incluir as agressões verbais, tais como os apelidos pejorativos, as gozações, as acusações injustas, espalhar boatos maldosos, entre outras. Também podemos acrescentar a esta categoria a forma de exclusão social na qual a criança fica fora do grupo, não podendo participar ou brincar com seus integrantes. Como agressões psicológicas, podemos mencionar o próprio resultado das constantes agressões citadas acima, sem nos esquecer do constrangimento para a vítima, da intimidação, da ridicularização sofrida e do próprio medo. O *bullying* se

caracteriza justamente pelo fato dessas agressões serem constantes, em alguns casos, diárias. Esses são os motivos que o tornam tão nefasto (Sônia Maria de Souza Pereira, Revista Página Abertas. Ed. Paulus. – ANO 34 – nº 40 – 2009).

- 1- 48 alunos (42,47%) sofreram agressões/bullying. Dentre as vítimas de agressões, 2 alunos (1,76%) relatam ter recebido Agressão física direta, 6 alunos (5,30%) relatam ter recebido Agressão Física indireta, 30 alunos (26,54%) relatam ter recebido agressão verbal ou ameaças, 6 alunos (5,30%) relatam ter recebido Exclusão social e 4 alunos (3,53%) sofreram outras formas de bullying não especificadas. Esses números foram corroborados pela entrevista com as professoras, quando todas, sem exceção, relataram que agressões verbais, exclusão social, ameaças e agressões físicas indiretas são rotineiras, embora agressões físicas diretas não aconteçam todos os dias.

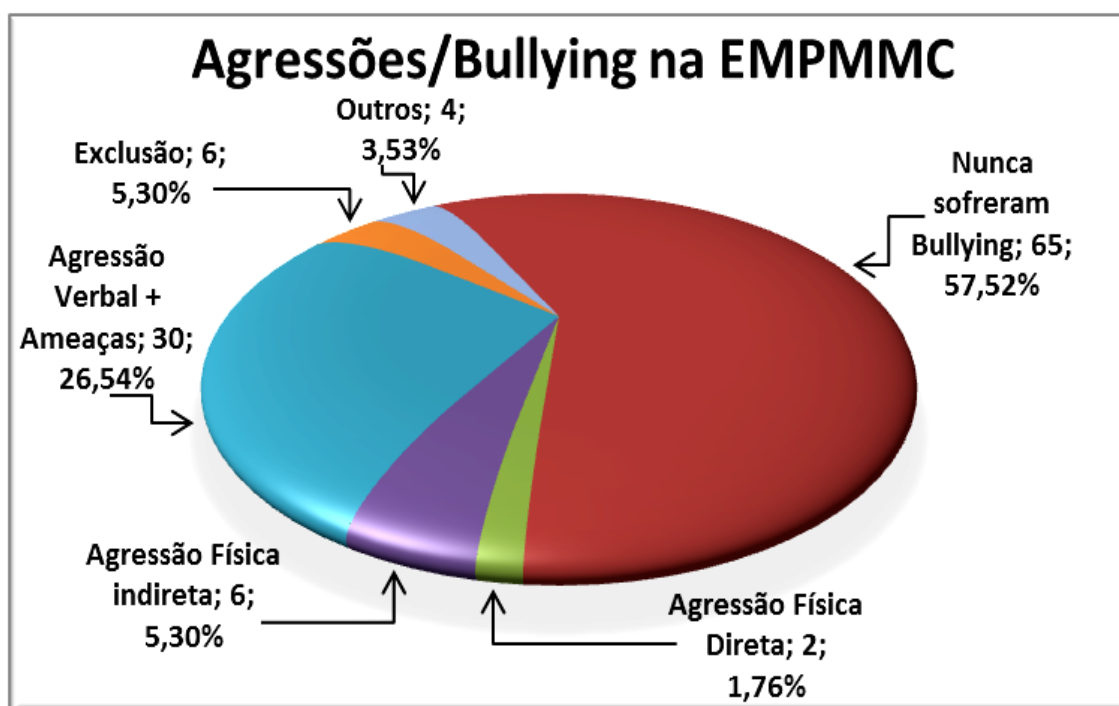


Gráfico 5: Ocorrência de Agressões/Bullying e tipificação das agressões nas 4 turmas de 6º ano da EMPMMC.
Fonte: Dados da pesquisa.

- 2- O número de alunos que nunca praticaram bullying= 88 (77,87%).
(Total de alunos=113 – Alunos que praticaram bullying= 25)

- 3- Quanto ao número de agressões verbais, 29 alunos (25,66%) declaram que já foram vítimas delas e 12 alunos (10,61%) afirmaram que vitimaram outros colegas. Os dados encontrados nas 4 turmas de 6º ano da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo, revelam que os índices de bullying não são significativos nesta escola, o que vai de encontro à literatura levantada. Os dados obtidos na pesquisa de campo nortearam o projeto de intervenção. Os autores pesquisados mostram que o fenômeno bullying vem se expandindo no mundo inteiro, em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas, entretanto, esses dados contrariam a realidade da escola supracitada. Quando se analisa os casos de bullying nesta escola, verifica-se que a modalidade predominantemente de bullying é a agressão verbal, que mais frequentemente gera apenas réplica e tréplica. Ainda nessa escola, Agressão física direta corresponde a menos de 2% e, somando a indireta, 7%).

2.4 Proposta de intervenção

Tendo como resultado do trabalho de campo um baixo índice de bullying na escola supracitada, minha proposta de intervenção é fazer uma mesa redonda com as professoras das quatro turmas onde houve a aplicação do questionário, a equipe pedagógica e a direção da escola e relatar que baseado nos dados coletados como resultado do questionário, que o bullying nesta escola se configura como irrelevante, não necessitando uma ação preventiva, um ciclo de palestras ou mesmo um trabalho de conscientização com a comunidade. Em seguida, fazer um projeto junto aos alunos dando ênfase às diferenças e valorizando as particularidades, o respeito, a generosidade. Como culminância do projeto junto aos adolescentes, eles farão um teatro para os demais

alunos da escola enfocando a diversidade existente no mundo a nossa volta e como devemos ser solidários com as pessoas respeitando as diferenças existentes nelas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esse trabalho, parti do pressuposto que o fenômeno bullying é um fenômeno crescente, mundial, e principalmente presente em todas as escolas, privadas ou públicas, conforme LEÃO, 2010:

“O bullying caracteriza-se por ser um problema mundial detectado em todas as escolas, sejam elas privadas ou públicas, e vem se expandindo nos últimos anos. A conduta bullying nas instituições de ensino tem sido um sério problema, pois gera um aumento significativo da propagação da violência entre os alunos. “(LEÃO, 2010, p.119)

Todos os autores citados na revisão literária reconhecem a existência do bullying e a maioria se deteve na relação causa e efeito, seja na conexão entre comportamento dos alunos e fatores parentais, ou no comportamento dos alunos que se envolvem em bullying e fatores sócio econômicos, ou de isolamento interpessoal, ou até mesmo na tentativa de se atribuir a existência do bullying a comportamentos de professores dentro de sala de aula numa minimização do problema. Entretanto, após a análise dos meus dados contradizendo a maior parte da literatura, eu me perguntei: será esta realmente a realidade de todas as escolas? Todo conflito escolar, ou qualquer intimidação pode ser considerada como bullying? Nenhum desses autores, mesmo os que utilizaram múltiplos testes bioestatísticos para validarem seus dados, consideraram o fator de tempo de exposição, frequência de agressões sobre a mesma vítima, ou a mera possibilidade de interpolação entre conflito escolar e fenômeno bullying. Nesse sentido, meu trabalho ao ir de encontro à literatura levantada, sugere que é imperativo fazer a distinção entre conflito escolar e fenômeno bullying. Os dados encontrados revelam que é possível haver conflitos e exclusões entre alunos sem que esses fatos sejam necessariamente configurados como bullying. Outro aspecto importante a ser mencionado é que “os pais devem estar atentos para não se precipitarem ao considerar seus filhos vítimas de bullying” (FANTE, 2005. p.76.) Além disso, lembrar que em

pesquisa realizada com escolares no início dos anos 2000, Fante (2003) expõe que aproximadamente 63% dos alunos do ensino médio relataram ter sofrido intimidações pelo menos uma vez, e 25% afirmaram ter sofrido bullying, caracterizado pela repetição de maus-tratos por parte, principalmente, de colegas da escola. Então, nem toda agressão é bullying, e nem todo conflito escolar é bullying.

4 REFERÊNCIAS

AMORIM, Cloves Antonio de Amíssis. *Estudos sobre bullying em dissertações e teses brasileiras no período de 2000 a 2009*. 2012. 96f. Mestrado Acadêmico em Educação — Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2012. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

ARAÚJO, Luciene da Costa. *As representações sociais dos estudantes acerca do bullying: um estudo sobre os diferentes tipos de envolvimento no contexto escolar*. 2011. Mestrado Acadêmico em Psicologia (Psicologia Social) — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2011. Disponível em: <http://bdtb.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2233>. Acesso em: 13 set. 2014.

BARBOSA, Eliana Filipa Pereira; SANTOS, Filipa Andreia da Costa Pinto dos. *Bullying Modelo de Intervenção*. Maia; Maio/2010. Disponível em: <www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0182.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.

BEANE, Allan L. *Proteja seu filho do Bullying*. Impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.

CYBERBULLYNG. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cyberbullying>>. Acesso em: 13 out. 2014.

SCOREL, Soraya Soares da Nobrega. *O adolescente e os cenários do Bullying: a encenação da violência como resposta*. 2011. 145f. Mestrado Acadêmico em Sociologia — Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2011. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

FANTE, Cléo. *Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas: Versus, 2005.

FRICK, Loriane Trombini. *As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um estudo dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas*. 2011. 197f. Mestrado Acadêmico em Educação — Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho. Presidente Prudente, São Paulo. 2011. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/92262/frick_lt_me_prud.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 set. 2014.

GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Indisciplina, conflitos e bullying na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodora (Org.). *Bullying Nas Escolas: Estratégias de Intervenção e Formação de Professores*. Ijuí: Unijuí, 2011.

GONÇALVES, Catarina Carneiro. *Concepção de professores sobre bullying na escola: estudo de caso*. 2011. 132 f. Mestrado Acadêmico em Educação —

Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2014. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2296>. Acesso em: 13 set. 2014.

GUTSTEIN, T. C. *Levantamento, Categorização e Avaliação de um Programa de Intervenção em situações de bullying*. 2012. 114f. Dissertação de Mestrado. — Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2012. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

JUVENTUDE urbana – Bullying. Youtube. Sistema Globo de Televisão. Vídeo. 5min, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?gl=BR&v=mGbmqdGeokM&hl=pt>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

LAND, Bruna Roberta. *Bullying, estilos parentais e sócio-cognições*. 2011. 42 f. Mestrado Acadêmico em Psicologia — Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Rio Grande do Sul. 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/BrunaRobertaLand.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MOÇO, Anderson; VICHESSI, Beatriz; RATIER, Rodrigo. O desafio de seguir em frente. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 242, p.48-54, maio 2011.

NUNES, Taiana da Silva. *O professor e o bullying escolar: significados e estratégias de ação*. 2011. Mestrado Acadêmico em Psicologia — Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2011. Disponível em: <http://www.pospsi.ufba.br/Taiana_Nunes.pdf>. Acesso em: 13 set. 2014.

ORKUT. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: 13 out. 2014.

PEDRO-SILVA, Nelson. *Indisciplina e bullying: soluções ao alcance de pais e professores*. Petrópolis: Vozes, 2013.

PINGOELLO, Ivone. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, São Paulo 2011. (Área de conhecimento: Sociais e Humanidades). Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello_i_ms_mar.pdf>. Acesso em: 13 set. 2014.

QUIROZ, Hilda Clarice; ARNETTE, June Lane; STEPHENS, Ronald D. Bullying in school -Fighting the Bully Battle - Discussion, Activities for School Communities. National School Safety Center, 141 Duesenberg Drive, Suite 11, Westlake Village, California 91362. Disponível em: <www.schoolsafety.us>. Acesso em: 16 mar. 2015.

RAMIREZ, Claudio. *Bullying: eu sobrevivi*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2011.

SANTOMARO, Beatriz. Violência Virtual. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n.233, p.66-73, jun/jul.2010.

SENRA, Luciana Xavier. *Associação entre violência doméstica e bullying em adolescentes da rede pública municipal de Juiz de Fora*. 2012. 209f. Mestrado Acadêmico em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgpsicologia/files/2010/01/Luciana-Xavier-Senra.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2014.

SILVA, Ana. Beatriz. Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Felipe Ribeiro. *Bullying, vitimização e agressividade juvenil: um estudo de caso*. 2011. 106f. Mestrado Acadêmico em Sociologia e Antropologia. — Universidade Federal do Pará. Belém. 2013. <http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacoes/dissertacaoTurma2009-FelipeSilva.pdf> Acesso em: 17 set. 2014.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. O fenômeno Bullying no ambiente escolar. *Revista FACEVV*. Vila Velha. Número 4. Jan./Jun. 2010. p. 119-135. Disponível em: http://www.facevv.edu.br/revista/4/O_fenomeno_Bullying_no_ambiente_escolar_-_leticia_gabriela.pdf acesso em 15/10/2014

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008, p. 8

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. *Revista Página Abertas*. Ed. Paulus. – ANO 34 – nº 40 – 2009.

SOARES, Rafaela Barbosa. *TCC- Criança Agressiva na Escola*. 2013. Faculdade de educação de Tangará da Serra. MT. Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Tcc-Crian%C3%A7a-Agressiva-Na-Escola/30629168.html>. Acesso em 18/10/2014

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, Carmim Mana; KAERCHER, Gládis E. (Org.). *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27-37.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em Língua Inglesa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.112, p. 33-60, mar. 2001.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. Educação e Sociedade, Campinas: Cedes, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p.7-32, mar. 2001

WALLON, Henri. As origens do caráter na criança. Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, Henri .Origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole1989.

WINNICOT, Donald Woods. Agressão. In: . Privação e delinquência. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994a. p. 89-96. Edição original: 1939.

WINNICOT, Donald Woods. Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: Privação e delinquência. 2. ed. Rio de Janeiro: Mastins Fontes, 1994c. p. 119-125. Edição Original: 1946

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Autorização de uso de imagem e de depoimentos sem fim comercial.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DE DEPOIMENTOS

Autorizo o uso de imagem e de depoimentos do(a) estudante(a)

sem fins comerciais na divulgação do estudo intitulado “Fenômeno bullying no ambiente escolar”, desenvolvido, sob coordenação da PBH/UFMG/FaE/LASEB, pela professora Renata Pereira Rocha Garcia de Souza nesta escola. Ação que se propõe viabilizar atividades pedagógicas com os jovens do 6º ano do Ensino Fundamental sobre bullying, violência entre pares, cyberbullying, conflito entre estudantes e violência nas escolas.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2014.

(Nome completo/ Assinatura/

(Documento de Identificação)

Apêndice B — Questionário sobre bullying



QUESTIONÁRIO SOBRE BULLYING

MENINO () MENINA () IDADE: _____ 6ºANO - 2ºCICLO (2014)

1) Em sua opinião, o que é bullying?

2) Descreva as ações (atitudes) que você considera bullying:

3) Você já sofreu, ou sofre, bullying na Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo?

() Sim () Não

4) Você sofreu:

- () Agressão verbal (apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações).
- () Agressão física direta (arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras).
- () Agressão física indireta (objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados).
- () Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau).
- () Exclusão social (ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)).
- () Nunca sofri bullying na minha escola.

Outros: _____

5) O seu agressor era:

() Feminino () Masculino () Ambos os sexos

6) Assinale com que frequência os agressores ou o agressor, provocaram você:

() Poucas vezes () Muitas vezes

7) Assinale as duas principais consequências que as agressões causaram em você:

- () Medo de frequentar a escola
- () Desconcentração durante as aulas
- () Desinteresse pelos estudos
- () Desânimo
- () Crise de choro
- () Sentimentos indesejáveis como ansiedade e/ou insegurança e/ou timidez
- () Nenhuma das respostas acima.

8) Você já praticou o bullying na Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo?

() Sim () Não

9) Você já praticou:

- Agressão verbal (Apelidos pejorativos, insultos, ofensas, xingamentos, zoações).
- Agressão física direta (Arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras).
- Agressão física indireta (Objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados, quebrados).
- Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau).
- Exclusão Social (Ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)).
- Nunca pratiquei bullying na minha escola.

10) Você já observou/presenciou o bullying, mesmo sem ter sofrido ou praticado dentro da Escola Municipal Professora Maria Modesta Cravo?

- Sim Não

11) Você observou/presenciou:

- Agressão verbal (Apelidos pejorativos, insultos, Ofensas, xingamentos, zoações).
- Agressão física direta (Arranhões, beliscões, chutes, empurrões, socos, surras).
- Agressão física indireta (Objetos pessoais escondidos, quebrados, roubados, quebrados).
- Ameaças (Ameaças com chantagens, ameaças com faca, ameaças com pau).
- Exclusão Social (Ignorado(a), isolado(a), excluído(a), humilhado(a), discriminado(a)).
- Nunca testemunhei práticas de bullying na minha escola.

12) Em sua opinião, para acabar com o bullying ou diminuir a sua prática na escola é preciso:

- Punir severamente quem pratica e quem apoia o bullying.
- Expulsar quem pratica e quem apoia o bullying.
- Reforçar a segurança e a vigilância dentro do espaço da escola.
- Fazer palestras educativas sobre o tema bullying para todos da sua comunidade.
- Realizar atividades pedagógicas envolvendo o tema bullying.
- Não sei o que fazer.

Apêndice C — Pauta de entrevista realizada com as professoras da EMPMMC**Pauta de entrevista realizada com as professoras.**

1-Dentre as 4 turmas que responderam ao Questionário sobre bullying, num total de 113 alunos, (7 faltaram no dia), 46 alunos reportaram terem sofrido bullying. Como educadores, como vocês têm lidado com esses casos de violência quando eles acontecem dentro da escola e chegam até vocês? Com que frequência o bullying é relatado ou presenciado por vocês? Quais as providências tomadas de imediato? Existe um seguimento desses casos ou outras providências tomadas a posteriori?

2-Dentre os 113 alunos que responderam ao questionário sobre bullying, 67 alunos relataram nunca terem sofrido qualquer forma de bullying e 21 alunos afirmaram nunca terem presenciado qualquer forma de bullying. Em sua opinião, existe alguma alternativa para esses alunos nunca terem observado bullying na escola?

3- De acordo com os dados levantados no questionário sobre os estudantes que sofreram alguma forma de agressão ou bullying, 40 estudantes afirmam que sofreram bullying por parte tanto de meninos quanto de meninas, 19 estudantes sofreram bullying por meninos e 6 estudantes sofreram bullying por parte de meninas. Os dados apontam que os meninos continuam sendo os maiores agressores nas escolas. Entretanto, de acordo com as afirmações dos alunos desta escola, o número de meninas como agressoras aumentou consideravelmente. Em sua opinião, a que se deve esse fato?

4-Em sua opinião a respeito do tema, o que a escola poderia fazer para minimizar ou até mesmo sanar a prática de bullying entre os educandos?

ANEXO

Anexo A — Ilustrações coletadas pelos alunos para discussão sobre bullying em sala de aula

